

evangelização junto aos povos indígenas. A figura de Nóbrega emerge como missionário, indigenista e estadista no trato da catequese e defesa dos índios; a tese doutoral do *Pe. Porfirio Méndez García* que, com o tema da *Myordomia y Evangelización*, oferece ao leitor excelente oportunidade de penetrar no universo *náhuatl* com sua cultura, religião e festa. A evangelização inculturada nas confrarias indígenas, conforme propõe o autor, responde aos desafios de maior promoção humana, respeito à cultura e libertação do povo; a tese doutoral do professor *Carlos Intipampa Aliaga* que faz uma leitura teológica do projeto histórico *Aymara*, fazendo emergir os elementos teológicos aymaracristãos com a superação do maniqueísmo religioso e a redescoberta de Deus dentro dos parâmetros culturais andinos e, finalmente, a tese doutoral do *Pe. Franz Helm* que realiza um trabalho de síntese entre o catecismo de José de Acosta, missionário no Peru no século XVI, e o catecismo de Matteo Ricci, missionário na China no século XVII. A comparação dos dois modelos missionários traz, como colaboração, o reconhecimento da alteridade como condição prévia de toda evangelização verdadeiramente inculturada.

O leitor entrará em contato, também, com trabalhos de colaboradores, os quais concluem o número 20 da *Revista de Cultura Teológica: José Antonio* que reflete sobre *Maria e a Teologia da Libertação*, recuperando a dimensão social da mariologia, especialmente em contexto latino-americano; *Pe. Dr. Manuel do Carmo da Silva Campos* que escreve sobre *A moralidade cristã do trabalho*, contribuindo com a reflexão teológico-moral para a compreensão do trabalho como humanizador e possibilitador do acesso aos bens necessários à vida digna.

Finalizando, damos as boas vindas ao nosso querido Papa João Paulo II, desejando que a sua presença no Brasil reanime as comunidades, fortaleça a fé e reaviva os valores da família em vista de uma sociedade mais humana e mais justa rumo ao *Novo Milênio*.

*Conselho Editorial*

## EDUCAÇÃO: UM INSTRUMENTO PARA A HUMANIZAÇÃO PREPARANDO O HOMEM PARA O TERCEIRO MILÊNIO - CIVILIZAÇÃO DO AMOR

*Prof. Dr. Sebastião da Silva*

Nosso objetivo com o tema "Educação: um instrumento para a humanização preparando o homem para o Terceiro Milênio - Civilização do Amor" é explicitar, de maneira sistemática, que a educação sob a perspectiva cristã poderá ajudar o homem na transformação da sociedade mediante a humanização. Acreditamos que uma educação como promoção humana, esperança e alegria de viver poderá oferecer meios preciosos para se conseguir superar muitos dos problemas com os quais nos deparamos.

### A REALIDADE EDUCACIONAL BRASILEIRA NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

O Brasil sempre foi mantido numa condição de dependência. Primeiramente, Portugal, depois, Inglaterra, Estados Unidos... Assim, os objetivos atribuídos às escolas eram diferentes conforme as camadas que atendiam.

Somente poucas escolas mantidas pela Igreja amparavam os filhos dos trabalhadores, especialmente os órfãos e os abandonados...<sup>1</sup>

Evidentemente que para uma economia de base agrícola não havia a necessidade de modernização dos meios de produção. Portanto, a educação não era considerada como uma prioridade<sup>2</sup>.

Observando os dados estatísticos a partir do ano de 1900, a impressão que ocorre é a de um enorme descaso pela educação. No entanto, a Constituição Federal promulgada em 05/10/1988 ressalva que a educação "é um direito de todos". A educação também é tratada na Lei 4.024 e na Lei 5.692. Ambas fixam as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. São reconhecidas pelo artigo 205 da Constituição Federal em vigor<sup>3</sup>.

Nossos estudos revelam que milhares de crianças nunca entraram numa escola ou se entraram, não conseguiram

<sup>1</sup> Luiz Antonio CUNHA. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio, <sup>11</sup>1989, p.114.

<sup>2</sup> Otaíza ROMANELLI. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, Vozes, <sup>13</sup>1991, p.35.

<sup>3</sup> Verificar Lei nº 4024/61, Lei nº 5692/71 e artigo nº 205 da Constituição Federal do Brasil de 05/10/1988.

ram nela permanecer. No entanto, o ensino público está agonizante<sup>4</sup>. Essa situação ruim não é natural nem neutra. É uma realidade construída e planejada, pois não existe preocupação política realmente comprometida com a criação de uma escola pública de boa qualidade<sup>5</sup>. No Brasil (1970), 50% dos alunos das escolas primárias evadiram-se. A evasão e a repetência tornam-se um fenômeno que tem afetado grande parte da clientela escolar, constituindo-se num desvio, um erro que deve ser corrigido<sup>6</sup>. Desse modo, a educação surge como o grande instrumento de reparação desses desvios<sup>7</sup>.

Apesar de todo o esforço da Lei 5.692, abrindo as portas da escola pública a um número maior de pessoas, a taxa de analfabetismo se manteve em 19%, dados de 1988. Na década de 70, essa porcentagem era de 33%. A escola pública 80%, escola municipal 10% e a particular 10% são as responsáveis pelas oportunidades educacionais no Brasil<sup>8</sup>.

Ainda na década de 70<sup>9</sup>, o ensino acadêmico foi o que apresentou maior índice de crescimento. Havia necessidade de formar técnicos e executivos para administrar os grandes investimentos governamentais, como Angra I, Hidroelétrica de Itaipu, Ponte Rio-Niterói, Rodovia Transamazônica...

Vimos que existe uma grande preocupação da Igreja e de seus pastores com a questão educacional no Brasil. A educação faz parte da missão libertadora da Igreja. O objetivo de toda a educação cristã é humanizar, personalizar o homem, abrindo-o para o bem, libertando-o dos condicionamentos que o impedem de viver como sujeito, transformando-o de uma concepção de mundo de senso comum a uma consciência crítica articulada com a realidade (DP 1025).

Quando tratamos de educação e distribuição de renda verificamos que às vezes o meio ambiente das crianças não oferece pré-condições para seu desenvolvimento pleno. Assim, compete à educação cristã buscar alterna-

tivas no sentido de que elas adquiram também as condições, os valores e as normas que lhes permitam a inserção no mercado de trabalho de forma estável e duradoura.

Outro fator que prejudica o rendimento escolar é a fome. A criança muito carente e faminta tem maiores dificuldades para aprender. Os setores pobres são os que apresentam maiores índices de analfabetismo, evasão escolar e as menores oportunidades de conseguir emprego bem remunerado (DP 1014). Os alunos que se preparam nas escolas públicas, pela lógica, deveriam ingressar nas universidades estaduais e federais (USP, Unicamp, Unesp), mas é nessas universidades que a maior parte dos alunos não consegue uma vaga, restando a eles as universidades da rede particular de ensino.

Quando afirmamos que a educação é um direito de todos, vemos uma rede de escolas precárias (FSP 30/07/96). Para as crianças carentes, as escolas são mais assistencialistas que conteudistas, afirma Luis Araujo Filho, assessor do MEC: "Trinta milhões de brasileiros são analfabetos funcionais" pois sabem apenas desenhar o nome e decifrar algumas palavras<sup>10</sup>.

No segundo capítulo, procuramos evidenciar que a escola pública não tem atendido plenamente a todos que a ela procuram. Mostraremos que a imigração, o êxodo rural e o cresci-

mento urbano contribuíram para provocar profundas transformações no cenário brasileiro: favelas, escolas superlotadas, delinquência, uso de drogas, violência urbana...<sup>11</sup>.

Pesquisamos professores, diretores de escolas estaduais, municipais e particulares do Estado de São Paulo e de outros Estados da Federação, um ou mais procedimentos que prejudicam ou que favorecem o bom rendimento escolar.

Concluímos que existe um grande número de crianças, adolescentes e adultos fora da escola e um grande número de evadidos e repetentes, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental. O número de alunos reprovados nas primeiras séries apresentados pelas escolas estaduais paulistas mostra que quase 50% dos alunos que ingressam na escola (1<sup>ª</sup>, 5<sup>ª</sup>, e 1<sup>ª</sup> série do 2<sup>º</sup> grau) encontram muitas dificuldades logo nos primeiros dias de aula. Entre o conjunto de dificuldades apontadas como responsáveis pela reprovação que deixa o aluno à margem da escola inclui-se, também, a maneira de atuar da própria escola.

## A PRÁXIS EDUCATIVA DA IGREJA

Atualmente, há necessidade de homens de grande dinamismo e vitalidade, de âmbito forte e mente alegre,

<sup>4</sup> Vera CANDAU. *Ensinar hoje na escola de primeiro grau: desafios e possibilidades*. In: **Toda criança é capaz de aprender?** Devanil A Tozzi (et al) São Paulo, FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação) Diretoria Técnica, 1990 (Série Idéias) nº 6, p.52.

<sup>5</sup> Ibid, p.57.

<sup>6</sup> Demerval SAVIANI. **Escola e Democracia**. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1984, p.7.

<sup>7</sup> Ibid, p.7.

<sup>8</sup> In: **Toda criança é capaz de aprender?** p.101.

<sup>9</sup> CUNHA. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1991, p.33.

<sup>10</sup> **Jornal Folha de São Paulo**, 30/07/1986.

<sup>11</sup> Marcos Amorim COELHO. **Geografia do Brasil**. São Paulo, Moderna, 1979, p.142.

corretos e generosos que vivam em harmonia. Neste sentido, não é possível separar a práxis educacional da Igreja com a educação da sociedade. Também não é possível dissociar a relação pedagógica daqueles com os quais ela se relaciona.

Quando afirmamos que a educação precisa estar em sintonia com o tipo de homens que queremos formar<sup>12</sup>, notamos que ela deve proporcionar um desenvolvimento harmonioso em todas as dimensões da natureza humana e de todos os homens<sup>13</sup>.

Para a Igreja, evangelizar significa, também, educar. Educar é parte integrante da sua missão. A educação para a prática da liberdade deve estar aberta também para Deus. Ela visa a realidade do ato voluntário, livre, "aqui e agora", que é a libertação da ação que significa o "ser humano", mesmo quando impedido de realizar as suas atividades como homem, como cidadão. A educação pertence ao conteúdo da evangelização (DP 1013).

A evangelização e a educação em todas as dimensões da vida busca o desenvolvimento integral das potencialidades do homem. É uma educação essencialmente libertadora porque implica até mesmo a inserção do homem na vida política, aceitando os

desafios que esta participação exige<sup>14</sup>.

A educação evangelizadora deve formar mentalidades sóbrias à transformação capaz de integrar o elemento essencial para a sociedade que desejamos no Terceiro Milênio. "É a civilização do amor e da paz", pois leva o homem à plena realização e perfeição em Jesus Cristo.

A educação evangelizadora assume características integradoras, pois além de evangelizadora é também transformadora e libertadora. Jesus Cristo revela e proporciona ao homem o novo sentido da existência. Faz com que ele seja capaz de viver de modo divino e em sintonia com a Palavra de Deus, fazendo das bem-aventuranças uma nova maneira de vida, um novo jeito de ser Igreja. Portanto, essa educação não será plena se não orientar o homem como ser social e o levar a assumir no seio da comunidade uma postura de comunhão com todos os homens (DP 1027, 1028, 1029, 1030).

Para que haja comunhão entre todos os homens, é necessário mudar as estruturas sociais que causam a pobreza generalizada. Mudar as bases para uma antropologia cristã. Mudar as "feições sofredoras de crianças golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer" (DP 32), "de jovens desorien-

tados por não encontrarem um lugar seguro na sociedade" (DP 33), "de indígenas e, com frequência, os afro-americanos" (DP 34), "de camponeses que como grupo social, vivem relegados em quase todo nosso continente" (DP 36), "de subempregados" (DP 37), "de marginalizados e amontoados das nossas cidades" (DP 38), de "anciãos cada dia mais numerosos" (DP 39), de pais que procuram trabalho.

Como instrumento educativo, a evangelização é realmente libertadora quando o anúncio e a promoção da liberdade integral estão presentes no conteúdo e no método de evangelização. Por isso, a evangelização como projeto concreto de libertação humana é dever e obrigação da Igreja. É sua a responsabilidade de promover a educação libertadora como práxis de sua pastoral.

A educação cristã deve abranger o homem em todos os planos de sua realidade: na dimensão da vida, na dimensão social e democrática, intelectual e reflexiva, na dimensão da liberdade, do prazer é na relação homem e Deus, na dimensão do amor e da paz.

Para que a promoção humana se realize plenamente, é necessário que a escola ofereça um ensino de boa qualidade para todos. A escola precisa estar adaptada aos fins a que se propõe. Dar possibilidade para que o homem chegue realmente a ser o sujeito, capaz de transformar o mundo, estabelecendo relações recíprocas com

os outros homens. Dar sua parcela de colaboração para o desenvolvimento da cultura e da própria História.

A educação sempre esteve preocupada com a formação de um determinado tipo de homem: ateniense, espartano, romano e o cristão, (1 Cor 13, 1-8; Mt 5, 3-9). Assim a condição básica para que alguém seja educador é ser um profundo conhecedor do homem. É necessário assumir o desafio que a vida oferece. É preciso não apenas formar boas "tartarugas", mas desenvolver no homem o espírito da águia. Promoção humana significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer a sua realidade, a fim de poder interferir nela, modificando-a no sentido da prática de liberdade, da comunicação e da colaboração entre os homens.

Nesta perspectiva de solidariedade entre todos os homens, vemos que o amor não tem fronteiras, permeia todo o universo, ultrapassa a categoria de todos os regimes e sistemas políticos porque produz felicidade e a comunhão entre os homens. O amor inspira os critérios para a participação ativa na civilização do amor (Cf. IJo 4,8). "Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos tenho amado" (Jo 15, 12).

#### PROPOSTAS PASTORAIS E EDUCACIONAIS

A prioridade do ensino de 1º e 2º graus, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasilei-

<sup>12</sup> Moacir GADOTTI. *Educação e poder. Introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1984, p.48.

<sup>13</sup> CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio*. Conclusões de Medellín, Rio de Janeiro, Vozes, 1977, p.72.

<sup>14</sup> Ivan ILICH. *Celebração da consciência*. Petrópolis, Vozes, 1976, p.124.

ra, é proporcionar ao educando uma formação sólida e adequada ao desenvolvimento de suas potencialidades. Proporcionar a ele condições para o exercício consciente da cidadania e suas realizações como pessoa humana.

Segundo essa práxis educacional e pastoral não se trata de uma educação bancária, onde o educador vai depositando conhecimento na cabeça do educando para torná-lo submisso e passivo. A práxis educacional e pastoral deseja despertar capacidade crítica, coerente e esclarecedora do homem. É necessário ajudar o educando a tomar consciência da realidade, transformando-a de acordo com a necessidade do meio e da época em que vive numa perspectiva de futuro.

A ação pastoral, no que se diz respeito à educação e toda sua práxis educativa, está orientada por uma convicção, por uma idéia. O homem chega a ser o sujeito através de uma reflexão sobre a sua realidade, a partir do seu ambiente concreto. Quanto mais coerente for a reflexão sobre a realidade educacional mais conscientemente o homem se comprometerá no sentido de interferir na realidade para transformá-la.

A Igreja precisa ajudar a promover uma educação que procure desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, coerente e transformadora. A educação não deve apenas ajustar o indivíduo à sociedade, mas

oferecer as condições para promovê-lo, torná-lo sujeito consciente e construtor da História.

Compete também à Igreja e à educação a tarefa de proporcionar esse preparo para que exija procedimentos sistemáticos e técnicos, com o objetivo de formar recursos humanos para o atendimento das exigências atuais e futuras da sociedade econômica em expansão.

A educação esteve presente nos alicerces das nações modernas desde a época das primeiras revoltas antifeudais do século XVIII. A Inglaterra se tornou um imenso império. Exorcizou a fatalidade. Fez com que o domínio da natureza parecesse possível e desejável. A França retomou a educação como chave do igualitarismo como, também, para multiplicar cidadãos formados em ofícios mais práticos. No Japão o período meiji, em 1860, acabou com o analfabetismo. O Japão tinha que enfrentar com uma pequena população as lutas com a China e a ameaça dos Estados Unidos cercando a Baía de Tóquio. Por outro lado, o Brasil não participou da Revolução Industrial e não pagou dívidas de guerra, mas está numa situação difícil. Joga com o futuro ou com a sobrevivência. Ou faz sua revolução pedagógica ou permanece na penumbra, não conhecendo o gosto de uma vitória.

Hoje, a Igreja precisa se voltar, conscientemente, para a preparação do homem, para um tipo de sociedade que

ainda não existe. Que educação pode ser esta que forma um tipo de sociedade que hoje é e amanhã não pode ser? O que fazer nesta fase de transição?

Tratando-se de educação como esperança e alegria de viver, todas as nossas concepções de vida devem estar envolvidas tanto na conjuntura do universo como na natureza do homem, na organização familiar, na sociedade, na dimensão econômica, política e social. Para isso, a educação deve vivificar o amor e a alegria de viver, porque o homem não pode viver sem alegria, sem esperança e amor. É a esperança que nos anima e nos dá a coragem e a força para superar todas as dificuldades que surgem no transcurso da nossa existência.

Uma educação como esperança e alegria de viver é, de certa maneira, utópica no sentido irrealizável. A esperança é necessária para que a utopia se realize. No exemplo do Êxodo, o povo começa a tomar consciência de que é escravo e exprime sua insatisfação. Essa insatisfação já é o desejo de uma nova situação (Ex 2, 24-25). Mesmo sendo um fato distante da nossa realidade, essa passagem tem um significado para os nossos dias. A exigência da utopia é de sair num êxodo; saber o que está buscando; refletir sobre o seu objetivo e lutar para atingi-lo.

A experiência do Êxodo, o clamor dos exilados da Babilônia se caracterizam pela justaposição frustrante

entre os sonhos de liberdade e a consciência da impotência. Essa experiência do Êxodo e do Cativo mostra que somente os sonhadores se sentem impotentes, "quem não sonha, quem não tem visões mergulha no mundo estabelecido, ajusta-se a ele. Torna-se funcional. É feliz".

A educação cristã deve evitar a estagnação ou a volta às formas do passado que ainda hoje se manifestam de forma contraditória, incoerente, inadequada e mesmo nocivas para os nossos dias. Os responsáveis pela tarefa da educação cristã devem superar uma série de atitudes. Muitas delas complexas, mas possíveis de serem realizadas. Para atingir esses objetivos é necessário: despertar a capacidade natural e infinita que existe em cada ser humano; desenvolver no educando a alegria e o prazer de fazer o bem: estimular o espírito de justiça; promover uma educação libertadora: aprimorar constantemente o entendimento da verdade divina e, ao mesmo tempo, tomar consciência da emergência das atividades humanas, tanto no aspecto individual quanto no aspecto coletivo.

Naturalmente, a educação cristã deve manter o seu caráter dinâmico e progressivo. A civilização do amor e da paz deve assumir de maneira radical as angústias e as esperanças do homem contemporâneo, com o intuito de oferecer a todos os brasileiros não só uma formação em seu contexto cultural mas, também, a sua realidade

primordial em relação aos acontecimentos cotidianos da vida do povo brasileiro.

A educação cristã é a introdução da mensagem de Jesus na própria cultura, fundamentada na antropologia cristã, na abertura do homem para Deus criador e como verdadeiros irmãos. Portanto, uma educação que está em harmonia com o plano de Deus tem, como ponto de partida, e como meta uma sociedade nova, formada por homens e mulheres engajados que Puebla incentiva como condição para realização de suas propostas educacionais, tendo como base os valores evangélicos.

Essa nova maneira de exercer a missão educativa se realiza pela maneira como se origina a escola, pela maneira como são trabalhados os conteúdos educacionais. Exige-se dos educadores uma verdadeira mudança nas ações pessoais e didáticas, das interações com os alunos. A educação como prática cristã deve comprometer o educador cristão com todo o processo educacional.

A escola é necessária. Portanto, não há como a sociedade treinar os seus membros para adquirir os recursos da produção da existência distantes de um centro de preparação de seus componentes para uma vida mais digna; assimilar os valores morais, culturais; adquirir uma profissão adequada às necessidades de subsistência e bem-estar de modo isolado ou assistemático, seja no interior da família ou nos pequenos grupos comunitários.

O processo educacional que prioriza a população pobre deve introduzir o homem na atualidade histórica e social de sua época. A escola, como fonte de saber, deve ensinar os alunos a como dominar os conteúdos da cultura através da aprendizagem. Deve levar aos estudantes o domínio e o sentido dos instrumentos da produção científica. Deve prepará-los à vida política, social e ao trabalho. A nova realidade exigirá novas posturas, novos tipos de relacionamentos e maior nível de conhecimento.

Tratando-se de educação como prioridade aos numerosos setores pobres da população brasileira, torna-se sua função não somente preparar o homem para a vida cultural, mas também integrá-lo na concepção de mundo na sociedade. Hoje, como nunca, a educação como preparo para a vida significa possibilitar a compreensão, decifrar todos os segmentos da sociedade.

A escola, sendo detentora do processo educativo, deve realizar uma educação dinâmica e alegre com a comunidade. Deve passar para os alunos um conjunto de conteúdos mais ricos. Os conteúdos instrucionais devem ter um significado claro, ter em seu contexto o conhecimento da realidade para a qual a escola se propõe a trabalhar.

A escola tem que ser boa e o educador muito competente. Naturalmente, na práxis escolar deve haver harmonia entre a escola e a vida, entre a

escola e a realidade dos alunos. É necessário preparar o educando para o desenvolvimento e a aquisição de hábitos que requerem continuidade de escolarização.

Se pretendemos preparar o educando para a vida em todos os seus aspectos, os processos mais relevantes são os de solidariedade e cooperação. Não é possível articular um discurso de caráter democrático com a prática autoritária. O discurso democrático deve estar em sintonia e harmonia com a cooperação e a solidariedade, nunca com a competição e a prática autoritária.

Para que a escola seja mais atuante, atenda a um maior número de pessoas e que todos participem plenamente da democratização do ensino, é necessário: a) Proporcionar ao educando a formação sólida necessária ao desenvolvimento das potencialidades como elemento de auto-realização; b) Preparar o educando para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania<sup>15</sup>.

Quando discutimos a questão do interesse dos alunos para os estudos e a prática pedagógica do professor, vemos que é necessário que o educador, além de competente, seja também capaz de atrair a simpatia dos alunos,

despertar a auto confiança, o interesse pela vida e estudos. O professor deve preparar melhor a sua aula, modificar a maneira de trabalhar com os conteúdos curriculares, elaborar melhor as avaliações, estar mais disposto ao diálogo, elogiar e incentivar os alunos, mostrar exemplos de pessoas que deram a vida por causa justa, de pessoas que superaram suas dificuldades e limitações.

O educador, além de sua prática, de seu modo de ser e agir, deve transmitir um conjunto de valores, percepções da realidade. Deve estar consciente de não reproduzir os desvalores dominantes que, na maioria das vezes, reforçam as estruturas sociais vigentes<sup>16</sup>. O tipo de homem que queremos formar com a nossa prática educacional deve ser, na realidade, um ser consciente e capaz de praticar o amor, proporcionar as situações afirmativas, personalizantes para facilitar o diálogo sincero e a participação consciente na sociedade<sup>17</sup>.

A educação cristã deve estar em sintonia com a realidade social, econômica e política. A Lei nº 5.692/71 abriu as portas da escola pública para uma clientela que, até então, ficava distante dos bancos escolares. Porém, não ofereceu as devidas condições para que essa clientela a usufruísse. A edu-

<sup>15</sup> Lei 7.044/82 visa somente a preparação para o trabalho e o exercício da cidadania.

<sup>16</sup> João Batista LIBÂNIO. **Educação católica: atuais tendências**. São Paulo, Loyola, 1993, p.78.

<sup>17</sup> Ibid, p.79

cação cristã deve consistir num processo de articulação entre os valores da sociedade (máximo lucro, hedonismo, consumismo) e os valores cristãos. Estes valores estão incrustados no coração do homem e da Boa Nova anunciada por Jesus Cristo. "Eu vim para que todos tenham vida plena" (Jo 10,10).

A educação cristã só se realiza plenamente quando se identifica com a vida. Portanto, a educação para o homem de hoje e de amanhã é aquela que visa formar esse tipo de cidadão consciente, crítico e participativo. Desse modo o homem precisa viver na adversidade, no tempo e no espaço. Precisa ter capacidade de opinar e dar sua contribuição, tanto para o sistema produtivo como para tornar a convivência humana mais participativa, mais abrangente e harmoniosa.

A base de qualquer transformação educacional deve passar pela descoberta de seu papel motivador. Deve-se ensinar o aluno a lidar com um conjunto de informações e não apenas ser simples consumidor. Para que as transformações desejadas ocorram concretamente é necessário que os meios pedagógicos disponíveis na educação estejam bem à disposição da escola e do educando. É necessário ter-se aces-

so às novas formas de linguagem e de comunicação, como condição essencial para realizar mudanças na sociedade<sup>18</sup>.

A educação cristã deve ter como objetivo ajudar a conscientizar e a viver a práxis de Jesus como uma maneira de vida à humanidade. Deve estar articulada também com as Ciências Sociais, Naturais, Exatas, Comunicação e Expressão do país em que vivemos<sup>19</sup>.

A Bíblia mostra que a tarefa de educar é uma exigência que compete aos pais (1Tm 5,8; Prov 22,6; Ef 6,4; Sl 78, 1-2). Para que a escola possa atingir, satisfatoriamente, os seus objetivos, é conveniente que a Igreja incentive e ajude administrador escolar e supervisores do ensino a garantirem o provimento de condições necessárias à implementação dos planos e inovações consideradas importantes para a melhoria da instituição escolar<sup>20</sup>.

A educação cristã, articulada com a educação transformadora e libertadora, deve propiciar o domínio da competência, que facilita a plena participação do educando enquanto cidadão nas inúmeras e complexas atividades exigidas no Terceiro Milênio. Essa educação deverá ocorrer em

quatro dimensões: na dimensão social, na política, na religiosa e cultural, e na dimensão do preparo para o trabalho.

O trabalho da Igreja só será eficaz se conseguir articular o engajamento dos cidadãos em movimentos que realmente visem a transformação da realidade concreta do mundo em que vivemos. Portanto, este trabalho da Igreja reforçará a relevância da reflexão teológica sobre a importância da presença dos educadores, da comunidade e de toda a sociedade (288)<sup>21</sup>.

A educação para todos numa perspectiva cristã nos convida a que continuemos com a missão educadora: "Eu vim trazer o fogo sobre a terra e como desejaria que já estivesse aceso" (Lc 12, 49).

A escola deve ser alegre, dar oportunidades para a arte, para o riso, para o lazer, para a música, para o corpo. Isso tudo para que proporcione o desabrochar da capacidade de progredir o infinito que existe no interior de cada ser humano.

O conteúdo dessa formação deve nascer dos desafios cristãos. É necessário que esta práxis educacional esteja articulada com a palavra de Deus e a Teologia, com uma espiritualidade que leve o ser humano a viver a fé no interior de uma sociedade. É preciso que integre as dimensões afetiva, social, teológica-espiritual. Assim, uma educação como prática de liberdade no segmento da educação cristã somente poderá ocorrer através de uma metodologia participativa, emergindo da prática e articulação, da ação e reflexão. É necessário, também, que o educando vivencie uma experiência cristã de participação, tendo possibilidade de se manifestar e expressar seus sentimentos, pensamentos, além de debater suas idéias<sup>22</sup>.

O Professor Sebastião da Silva é Doutor em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

<sup>18</sup> O diretor articulador do projeto escola. Able Silva Borges...(et al) Maria Cristina Amoroso A. da Cunha, Coordenadora, São Paulo. FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação, Diretoria Técnica, 1992, (Série *Idéias*, nº.15, p.22).

<sup>19</sup> Plano decenal de educação para todos. Brasília, MEC, 1993, p.73.

<sup>20</sup> *Ibid*, p. 73.

<sup>21</sup> Estudos da CNBB. *Educação e exigências cristãs*. São Paulo, Paulinas, 1992, p. 48.

<sup>22</sup> Neidson RODRIGUES. *Lições do príncipe e outras lições*. São Paulo, Cortez: Autores associados, 1984, p. 59.